

NADA NA FALA É POR ACASO: O RECONHECIMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

NOTHING IS BY CHANCE ON SPEAKING: RECOGNITION OF LINGUISTIC VARIATION IN PORTUGUESE LANGUAGE TEXTBOOKS

Amanda da Silva Lourenço¹

Richarles Souza de Carvalho²

RESUMO: Este artigo tem como intuito apresentar de que forma o conteúdo de variação linguística está presente em livros didáticos de Língua Portuguesa, como a temática está sendo reconhecida, com que frequência é trabalhada e em que gêneros textuais essas variações aparecem. É uma pesquisa descritiva, qualitativa e documental cuja análise se baseia nos conteúdos apresentados na coleção de livros didáticos de 1º ao 5º ano de Língua Portuguesa *Ápis*. O referencial utilizado para esta pesquisa conta com os seguintes autores: Bagno (2000, 2001, 2002, 2003), Bortoni-Ricardo (2005, 2009), Lajolo (1996), Pereira (2014), Possenti (1996), dentre outros. Por meio da análise, podemos perceber que o conteúdo de variação linguística, obrigatório em livros didáticos, tem sua apropriada representação, porém, de forma não tão satisfatória. Cabe, portanto, ao pedagogo, fazer as adaptações necessárias para o trabalho com este tema.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de língua portuguesa. Livro didático. Variação linguística.

ABSTRACT: This article aims at presenting linguistic variation theme in Portuguese textbooks, how it is recognized, how often it is worked and what genres are related to. It is a descriptive, qualitative and documental research. Its analysis is based on the content of an elementary level Portuguese textbook collection, called *Ápis*. Theoretical background has the following authors: Bagno (2000, 2001, 2002, 2003), Bortoni-Ricardo (2005, 2009), Lajolo (1996), Pereira (2014), Possenti (1996), among others. Through analysis, we can realize that the content of linguistic variation, which is obligatory in textbooks, has an acceptable representation, but not satisfactory. Therefore, it is up to Portuguese teacher, or pedagogue, to do necessary adaptations to work with this topic.

KEYWORDS: Portuguese Teaching. Textbook. Linguistic Variation.

¹ Graduada em UNESC. amandaalourencoo@hotmail.com

² Orientador docente do curso de Pedagogia da UNESC. Doutor em Ciências da Linguagem. rsc@unesc.net
Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº1, janeiro/abril 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

1 INTRODUÇÃO

A linguagem verbal sempre foi um instrumento facilitador de comunicação e está presente em todos os momentos, desde o nascimento até o final de nossas vidas. Por meio da língua conseguimos nos expressar de diversas maneiras, transmitindo ideias, pensamentos, opiniões e podemos interagir com outros indivíduos, dessa forma, a língua é um produto social, ou seja, ela pode ser compreendida por um grupo de pessoas que compartilha de conhecimentos semelhantes. Contudo, há diferenças de país para país, de nação para nação, de região para região.

Dentro do ambiente escolar podemos notar as múltiplas variações linguísticas, pois vivemos numa sociedade que é composta por muitas variações. Isso provém possivelmente das diferentes culturas existentes. Dessa forma, os alunos chegam à sala de aula com suas linguagens consolidadas.

Antigamente o ensino da Língua Portuguesa tratava somente do processo de alfabetização, no entanto, somente os mais privilegiados aprendiam a ler e a escrever com os jesuítas. Com o passar do tempo, o ensino da Língua Portuguesa conquistou seu lugar nas escolas, onde passou a ser fundamental o ensino da gramática normativa.

A gramática normativa deve estar presente em todo processo de aprendizagem do ensino de Língua Portuguesa, com ela aprendemos aspectos da norma padrão³ da língua portuguesa. Contudo, nosso sistema educacional coloca a gramática normativa como objeto principal de estudo da Língua Portuguesa, a norma padrão parece ser uma língua única, fazendo com que os alunos pensem que só é correto falar e escrever daquela forma. O ensino da Língua Portuguesa precisa rever o tratamento dado às diferentes variações da língua, visando proporcionar a problematização e aprendizagem de diversas formas de variação linguística.

A variação linguística sempre existiu no contexto escolar, pois é um fenômeno que acontece com a língua por interferência do meio onde vivem os falantes. O dilema de aceitar novas formas de variação já vem sendo trabalhado por vários pesquisadores, contudo,

³ O termo 'norma padrão' será melhor apresentado e explicado na próxima seção.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº1, janeiro/abril 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

ainda existe o preconceito em relação a variações linguísticas menos prestigiadas, que se traduz na noção de ‘preconceito linguístico’, conforme Bagno (2000).

Nos livros didáticos (LDs) de Língua Portuguesa pode-se perceber que a maioria dos textos e atividades são descritos na norma padrão, raramente encontra-se outra variação. Desse modo, o problema deste artigo é como a variação linguística é reconhecida em LDs de Língua Portuguesa? E o objetivo geral é: analisar a presença do conteúdo de variação linguística em LDs de Língua Portuguesa. Os objetivos específicos são: identificar com que frequência aparece a variação linguística nesses LDs; entender a importância da problematização da variação linguística em LDs de Língua Portuguesa; e por fim, verificar em quais gêneros textuais há o conteúdo de variação linguística.

É necessário o estudo sobre o reconhecimento da variação linguística em LDs de Língua Portuguesa, pois não existe uma linguagem única a ser falada ou escrita, há variadas maneiras de nos expressarmos em língua portuguesa em nosso cotidiano, dependendo do momento e do lugar que se enquadra determinado contexto. Todo falante nativo de uma língua sabe falar sua língua materna; porém, em nosso sistema de ensino, qualquer pessoa que fala diferente da variação que tem maior prestígio, que não segue as regras da gramática normativa, supostamente fala errado.

Em nossa realidade existem muitas coisas que precisam ser revistas, reformuladas, o uso da língua é uma delas. Não podemos tratar a língua padrão da gramática normativa como única, pois todos possuem sua maneira de falar, que é a nossa representação enquanto seres humanos pertencentes a determinados grupos sociais, étnicos etc.

Portanto, esse artigo está relacionado à relevância da conscientização de que tanto a norma padrão quanto outras variações linguísticas são importantes para o processo de ensino aprendizagem. Dessa maneira, devemos analisar como está sendo tratado o tema da variação linguística em LDs de Língua Portuguesa, pois quanto mais houver a discussão e trabalho com este tema, maiores serão as chances dessa discussão em sala de aula.

2 O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Brasil foi “descoberto” por Portugal em 1500, embora os índios já estivessem habitando este espaço. Os portugueses implantaram aqui sua cultura trazendo consigo seu linguajar, suas crenças, tomando conta do território, desconsiderando o povo que ali já vivia. Posteriormente, em 1549, o Brasil recebeu a presença dos primeiros padres jesuítas, inclusive Tomé de Souza que orientava essa comunidade juntamente com o Padre Manuel de Nóbrega (BATISTA, 2014).

Os padres jesuítas chegaram com o objetivo de catequisar e instruir a população da terra brasileira. Queriam civilizar os índios primeiro, para somente em seguida introduzir uma nova língua, que seria a Língua Portuguesa. Contudo, com a chegada do primeiro ministro de Portugal, Marquês de Pombal, o ensino da Língua Portuguesa tornou-se obrigatório (BATISTA, 2014).

Deste modo, Marquês de Pombal acabou expulsando os jesuítas do Brasil, visto que eles estavam ganhando força na comunidade. Segundo Bagno (2003, p. 78), “A medida do Marquês de Pombal queria atingir, sobretudo a prática pedagógica dos padres jesuítas, que utilizavam a *língua geral amazônica*, de base tupinambá, para catequizar os índios brasileiros.”

Após a expulsão dos jesuítas, foram implantadas então as chamadas escolas régias, que era um ensino baseado em ler, escrever e ensinar o básico da matemática. Contudo, mesmo assim, apenas uma parte privilegiada da população tinha acesso a esse ensino:

As escolas régias, criadas para substituir os colégios jesuíticos, não atingiram êxito por questões metodológicas e pelo número menor de escolas e professores. Embora, outras ordens religiosas como os oratorianos, os franciscanos, os beneditinos e carmelitas continuavam com os serviços ao ensino e a catequese, mas não conseguiram atingir a eficiência e o brilho dos jesuítas. (BATISTA, 2014, p. 44).

Logo adiante, com a chegada da Família Real Portuguesa, o ensino se expandiu para o resto da população, fazendo com que a grande maioria da população tivesse acesso à

língua portuguesa. Entretanto, ainda existia a minoria da população que não possuía contato com o dialeto português que a maioria já utilizava.

Desde a chegada dos jesuítas no Brasil, o ensino de língua portuguesa foi estruturado em uma política de ensino que reforça a condição ideológica da classe dominante. Passando por acontecimentos econômicos, políticos e sociais, a política de ensino continua elitizadora e continua produzindo ideologias sobre a língua portuguesa, gerando os conhecimentos padronizados e normativos sobre ela, garantindo a língua nacional. Essa política de ensino exige o conhecimento e o domínio do português culto – falado e escrito – excluindo da sala de aula os falares da nação brasileira. (BATISTA, 2014, p. 103).

No entanto, depois de passar por tantas mudanças em relação aos seus métodos de aprendizagem, o ensino da língua portuguesa continua sendo obrigatório no Brasil, seguindo uma linha de pensamento de anos atrás, um ensino postulado pela gramática normativa. Em salas de aula isso torna-se notório, a partir do momento em que as regras gramaticais são impostas para o aprendizado do aluno. Qualquer pessoa que passe pela escola, independentemente de onde venha, terá contato com a gramática normativa (BATISTA, 2014).

O ensino da gramática normativa está presente em quase todos os conteúdos trabalhados na disciplina de Língua Portuguesa. Dentro desse contexto da gramática normativa, existe um termo chamado norma padrão que já foi citado anteriormente, que nada mais é do que a língua que chamamos de “cultura”, a língua que é prestigiada, sendo favorecida no ensino da Língua Portuguesa, a qual é imposta como a única língua correta existente na sociedade brasileira, embora haja no Brasil uma variedade de línguas. Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p. 26) “A língua padrão relacionada à classe ou a status é definida como a variedade de fala que tem maior prestígio, independentemente do contexto e que caracteriza um grupo social, geralmente o de status socioeconômico e cultural mais alto.”

No contexto escolar, a norma padrão se faz presente impondo a língua culta como a única forma de falar corretamente. Todavia, existem diversas variações da língua portuguesa que são utilizadas cotidianamente por todos os brasileiros. Tais variações são consideradas erradas, estropiadas, feias, surgindo então um preconceito com as pessoas que se desviam da norma padrão.

Quanto à norma-padrão, ela fica lá no alto, na estratosfera. É verdade que ela exerce uma influência simbólica muito forte sobre o imaginário de todos os brasileiros, mas é uma influência que vai diminuindo progressivamente, quanto mais a gente se afasta das camadas sociais privilegiadas. A norma-padrão está estreitamente ligada à escola, ao ensino formal, e como no Brasil o acesso à educação é mais um elemento que contribui para a nossa triste posição de campeões da desigualdade social, é fácil imaginar que a norma-padrão tradicional tem o poder de influência praticamente nulo sobre os falantes das variedades mais estigmatizadas. (BAGNO, 2003, p. 69).

Como ambiente principal e privilegiado de aprendizagem, a escola deve se conscientizar que na sociedade existem muitas manifestações e variedades linguísticas, como por exemplo: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, regionais, coloquial, cultas, dentre outras, e que todas essas variedades devem ter seu espaço dentro da escola (BAGNO, 2001).

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social da ascendência sobre seus alunos, está submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 25).

Sendo assim, as variações linguísticas estão, desde sempre e cada vez mais presentes em nossas vidas, seja na escola, no trabalho, no trânsito, na internet, dentre outros. Cada pessoa possui seu modo de falar, sua fala coloquial, podendo aprender outra variação ou não, depende da situação formal ou informal que o indivíduo se encontra. Portanto, o papel da escola e do professor é fundamental para o processo de conscientização sobre o fenômeno da variação linguística.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Como foi apresentado anteriormente, a variação linguística sempre esteve presente na sociedade, inclusive nas salas de aula. Porém, a forma como os indivíduos são tratados por falarem diferente é, no mínimo, discriminatório, pois por conta do seu linguajar, muitas vezes as pessoas sofrem preconceitos dentro do próprio contexto escolar. Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) ressalta: “A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os

professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa.”

Sendo assim, as pessoas que falam diferente da norma padrão, acabam se intimidando na sala de aula, pois o ensino que é passado nas escolas sobre a norma padrão é o que prevalece como correto. Por conta disso, os alunos podem deixar de falar dentro da sala de aula por pensarem que estão falando errado, pois segundo Bagno (2000, p. 52) “existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se essa fosse a única maneira ‘certa’ de falar português.”

Os professores devem dialogar e ensinar sobre o conteúdo da variação linguística de uma forma que faça o seu aluno compreender do que se trata, utilizando diferentes metodologias, pois cada aluno aprende de um jeito. No entanto os docentes não devem deixar totalmente de lado o que devem ensinar que é a gramática normativa, mas também não podem ignorar as outras variações, pois tanto o aluno quanto a escola devem aceitar e respeitar as diferentes variações que ali existem. De acordo com Bagno, Stubbs e Gagné (2002, p. 111) “O aluno deve se adaptar à escola, mas a escola também deve se adaptar ao aluno. Uma posição equilibrada postula que o aluno tem de aceitar a realidade social da língua da escola, e a escola tem que respeitar a(s) língua(s) do aluno.”

Além disso, podemos perceber tanto na escola quanto na comunidade em geral uma pessoa que usa suas certas variações corre o risco de ser discriminada; isto é um fator muito comum na sociedade, visto que a língua padrão é a mais prestigiada na maioria dos meios sociais.

Contudo, apesar de ter sua língua materna, o indivíduo deve ter o conhecimento da norma padrão para que possa ser mais beneficiado durante sua trajetória de vida, nas mais variadas situações, pois sentirá necessidade de aprender a norma padrão para que assim possa empregar sua fala de forma mais adequada, dependendo da situação. Bortoni-Ricardo (2005, p. 26) ressalta que “a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação.”

O indivíduo precisa estudar sobre a variedade linguística de maior prestígio – norma padrão – e utilizá-la em determinadas situações, pois assim terá mais chances de acesso a níveis superiores de ensino e também obter empregos bem remunerados, embora o indivíduo não seja obrigado a isso, pois tem o livre arbítrio para fazer suas escolhas, inclusive escolher o seu próprio modo de falar (BORTONI-RICARDO, 2005).

A variação linguística também possui forte influência nos programas de televisão. Podemos notar em vários programas de entretenimento e de informação (principalmente novelas) o alto número de pessoas que possuem uma linguagem diferente da norma culta. Isso é comum, mas também lamentável, pois o uso das variedades não padrão acaba ocorrendo conjugado à apresentação de cenas, depoimentos e reportagens preconceituosas e degradantes, fazendo com que o público que assiste associe a fala não padrão a um comportamento grosseiro. Nas novelas em geral, o personagem que é do interior e apresenta uma linguagem não padrão é sempre representado com um comportamento grotesco, rude, ríspido, criando assim uma imagem um pouco negativa das pessoas que falam outra variação linguística sem ser a norma padrão (BAGNO, 2001).

Sabemos que ao chegar à escola, a criança, o jovem ou o adulto já possui sua variação linguística, sabendo empregar corretamente a sua língua no ambiente em que vive. Porém, quando chegam à escola, conhecem uma nova variação, sendo essa, uma variação imposta pelo sistema educacional que é conhecida como gramática normativa. As gramáticas normativas brasileiras ainda permanecem fortalecendo o mito da “língua única” e se apresentam como “descrição” de uma variedade linguística supostamente empregada pelas “pessoas cultas” do país, isto é, pelas classes dominantes, fazendo com que essa linguagem padrão seja a única a ser seguida como modelo (BAGNO, 2001).

Chamamos de língua oficial a descrita na gramática normativa. Do fato de se basear em escritores não contemporâneos resulta o seu distanciamento em muitos pontos, da realidade linguística oral e literária no Brasil. Detentora, porém do beneplácito do sistema sócio político, que a considera correta em detrimento de todas as outras variedades, impõe-se o seu emprego em documentos oficiais e formais, bem como o seu estudo na escola, onde o professor a ensina, embora ele próprio não a use em sua fala coloquial. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 35).

O contexto escolar frisa a importância de saber sobre a norma padrão, mas também nas escolas é essencial que a língua materna seja valorizada, pois todo falante de sua língua entende o que está dizendo. Possenti (1996, p. 31), ressalta: “pode-se dizer que saber uma gramática é saber dizer e saber entender frases. Quem diz e entende frases faz isso porque tem um domínio da estrutura da língua.” Nada mais bonito do que saber dizer e entender frases da sua própria língua, pois significa que o indivíduo, embora muitas vezes não possua o domínio da norma padrão, têm o domínio da língua materna.

Essas outras variações não devem deixar de serem prestigiadas, de serem enaltecidas, de serem respeitadas. É agonizante pensar na hipótese que todos falem igualmente, pois o que é bonito é mostrar a sua origem, a sua cultura. A escola não pode forçar o indivíduo a usar e empregar a norma padrão simplesmente porque acredita que assim ele se enquadrará melhor na sociedade; muito pelo contrário, o indivíduo deve sim aprender sobre a língua prestigiada, mas deve ter liberdade para empregar outras variações em contextos específicos (BAGNO; STUBBS; GAGNÉ, 2002).

Deste modo, devemos entender a importância que há na presença das variações linguísticas nas salas de aula, insistindo sempre na aceitação dessas variedades, pois nosso país é composto por diferentes linguajares que, querendo ou não, estão presentes em nosso cotidiano.

Quando ouvimos a fala de alguém, principalmente se se trata de alguém diferente de nós (mais pobre, mais ignorante, de outra região do país), certamente percebemos em sua fala algumas características que nos chamam atenção. A algumas dessas características estamos acostumados a chamar de erros. A tentação será dizermos que Fulano fala *tudo* errado. (POSSENTI, 1996, p. 42).

Dessa forma, julgar que alguém fala *tudo* errado, é um preconceito que existe contra outras variações. Dentro das salas de aula, a atitude de um professor em relação aos textos produzidos por alunos, é de sempre procurar primeiramente os “erros”, que acaba por final desconsiderando a maior parte do trabalho por considerar “errada” a escrita do aluno. Contudo, na maioria das vezes, o aluno escreve de tal forma, porque fala dessa forma e isso não significa que está “errado”, perante o modo de dialogar, mas perante a sua escrita, o aluno deve escrever de acordo com a norma padrão, pois a escola está ali para ensinar o que é

imposto pelo sistema educacional. Diante dessa situação, a postura do professor em algumas situações tem de ser coerente com a realidade social do aluno, buscar compreender o modo que o aluno escreve e como dialoga. Deve ser ensinada a norma padrão como a língua de mais prestígio, mas não deve conceituar como “erradas” as pronúncias, conjugações, sintaxes próprias, que são originais de cada grupo de alunos ou até mesmo de cada aluno. (BAGNO, 2000).

Não adianta entupir a cabeça das pessoas com regras, exceções, nomenclaturas e definições. Não é assim que alguém vai aprender a ler e a escrever. Isso não é ‘ensinar português’, é simplesmente decorar a gramática normativa, e há muito tempo os linguistas e educadores vêm demonstrando a inutilidade dessa prática secular. (BAGNO, 2003, p. 188).

Portanto, devemos compreender que a variação linguística nada mais é do que a capacidade que a língua tem de ser transformada de acordo com fatores sociais, culturais, regionais e históricos. Tudo isso provém muito de qual situação o indivíduo se encontra, pois a linguagem varia de lugar para lugar, de acordo com o momento e com quem ele se relaciona verbalmente. O conteúdo da variação linguística pode e deve ser discutido nas salas de aula através de interações realizadas sobre o assunto. O livro didático pode ser um auxiliador nestas interações.

4 O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Como sabemos, o LD é uma ferramenta que está presente nas salas de aula desde muito tempo e que acompanha o aluno por todo seu processo escolar. Os educadores, por sua vez, têm a opção de utilizá-lo ou não, podendo adaptá-lo ou somente se basear nos conteúdos presentes no livro. O LD possui até mesmo um dia para comemorá-lo – 27 de fevereiro – Dia Nacional do Livro Didático. O Ministério da Educação, além de distribuir livros didáticos, também disponibiliza outros materiais para uso dos professores, com o propósito de tornar o ensino mais eficaz, porém, cabe aos professores fazer o uso correto ou não desses materiais (OLIVEIRA, 2013).

No entanto, o educador pode se apoiar no LD, deixando de explorar seus outros materiais didáticos, baseando-se nos conteúdos presentes no livro. Isso é uma prática útil, pois muitas vezes os professores reclamam sobre a falta de tempo para planejar e executar uma aula interativa, diferente, e acabam fazendo uso dos LDs sem contextualizá-los. Pereira (2014, p. 126) afirma: “Parece tratar-se de um ‘ato de generosidade’ do autor (ou da editora) para com o professor, que reconhece a falta de tempo deste de planejar e organizar sua docência, em virtude das suas condições de trabalho.”

Contudo, o professor que realmente se preocupa com a aprendizagem de seus alunos, irá procurar métodos, maneiras ou materiais para utilizar em suas aulas, ao invés de utilizar os LDs apenas como um material de apoio, sem contextualizá-lo, irá usar os livros a seu favor, adaptando-os conforme os conteúdos que apresentam, para que assim haja mediações entre professor, livro e aluno, pois “o pior livro pode ficar bom na sala de um bom professor e o melhor livro desanda na sala de um mau professor. Pois o melhor livro, repita-se mais uma vez, é apenas um livro, instrumento auxiliar da aprendizagem.” (LAJOLO, 1996, p. 8). Como principal sujeito da mediação, o professor deve optar por fazer ou não uso dos LDs, não se acomodando, pois todos os livros didáticos necessitam de adaptações:

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele. (LAJOLO, 1996. p. 8-9).

O livro didático é um material importante no processo de ensino aprendizagem. Ele pode ser um objeto de discussões, de diálogo, além de ser um material que possui finalidade de auxiliar o professor em sala de aula, em suas atividades de ensino, sendo, portanto, um elemento importante na vida escolar (OLIVEIRA, 2013). Além disso, o LD também auxilia os alunos em todo o seu tempo dentro da sala de aula, pois o livro pode ser um instrumento que transmite informações aos seus leitores, trazendo em suas páginas conteúdos que são indispensáveis no processo de ensino aprendizagem. Porém, o papel do professor nesse momento é essencial, pois se não problematizar o conteúdo de maneira

correta, pode prejudicar o aluno, fazendo que apenas memorize os conteúdos que são apresentados.

É interessante ressaltar que o uso do LD é tão importante que para alguns alunos o primeiro contato com a cultura da escrita e leitura é feita através dos LDs.

Destarte, o LD é uma tecnologia, porque envolve conhecimentos científicos e um conjunto de procedimentos regidos por regras de uso pensadas anteriormente. É capaz de modificar/transformar o ambiente social e humano, podendo, a partir dele, o indivíduo modificar o meio (escola, alunos e entorno), a si mesmo e a própria ferramenta ao fazer uso dela. (OLIVEIRA, 2013, p. 55).

O docente poderá apoiar-se no LD como único regime de verdade a que tem acesso, porém deve-se ver como será esse apoio, pois, por muitas vezes, o professor acaba por acomodar-se, deixando de elaborar aulas, planejamentos, atividades diferenciadas, por causa do uso dos livros didáticos. O LD é um instrumento muito útil, ao mesmo tempo pode ser prejudicial se não for utilizado corretamente, por isso se faz necessário discutir o papel do LD na organização curricular e no processo de formação continuada do professor (PEREIRA, 2014).

Os LDs trazem consigo vários conteúdos e neles podemos encontrar ou não o uso da variação linguística nos textos ou nas atividades. Portanto, a discussão deste artigo se faz em torno do reconhecimento da variação linguística nos LDs de Língua Portuguesa.

O aluno que chega à sala de aula com sua língua materna, terá contato com o LD de Língua Portuguesa diariamente, aquele que é imposto obrigatoriamente pelo sistema educacional, realizando assim suas leituras e fazendo suas atividades. Mas será que existe a problematização do tópico da variação linguística nesses LDs? E se existem como estão sendo trabalhados tais conteúdos?

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. (BAGNO, 2000, p.70-71).

O LD é um instrumento de ensino e aprendizagem que vai acompanhar os alunos por muitos anos durante seu tempo na escola. Sendo assim, o LD deve ser um objeto de Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº1, janeiro/abril 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

estudo avaliado por todas as pessoas que convivem na escola, para saber se está adequado, se atinge os objetivos, se traz conteúdos úteis, enfim é um material que deve ser analisado e utilizado a favor da escola.

A variação linguística é um conteúdo que deve estar nos LDs de Língua Portuguesa, para ser trabalhado e contextualizado pelos professores, fazer com que os alunos reconheçam a variação linguística é importante, porém os professores devem saber como e em que momento introduzir esse conteúdo para não trazer informações equivocadas.

Portanto, os professores deveriam ter consciência de que os LDs de Língua Portuguesa devem trazer diversos gêneros textuais (poemas, histórias em quadrinho, fábulas, entrevistas) que englobam o conteúdo da variação linguística, assim, os alunos podem conhecer o tema da variação linguística a partir do livro didático.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE DA PESQUISA

O principal objetivo deste artigo é analisar a presença do conteúdo de variação linguística na coleção de livros didáticos de Língua Portuguesa *Ápis*, visto que o livro didático é um material amplamente utilizado em salas de aula no contexto brasileiro.

Essa pesquisa é de natureza básica e de abordagem qualitativa, pois propõe identificar e interpretar dados e conteúdos sobre variação linguística na coleção do livro didático *Ápis* (1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano) do Ensino Fundamental. Esta pesquisa também pode ser categorizada como uma pesquisa documental e descritiva. Para coletar dados usa-se a técnica de observação sistemática (RAMOS; RAMOS; BUSNELLO, 2003).

De tal forma, neste artigo pretendemos analisar alguns LDs para verificar como a variação linguística está sendo trabalhada. Logo, a observação será o instrumento de coleta de dados, pretendendo-se reconhecer nos LDs como o conteúdo de variação linguística está sendo trabalhado.

Como registrado anteriormente, a pesquisa se baseia na coleção de livros de Língua Portuguesa *Ápis*. Como autoras dessa livro temos, Ana Maria Trinconi Borgatto, que possui formação acadêmica em Pedagogia e Letras, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, que possui formação acadêmica em Letras e Mestrado em Ciências da Comunicação e Vera Lúcia

de Carvalho Marchezi. A escolha por essa coleção de livros se deu pelo fato de ser o livro didático que é utilizado nas escolas municipais da cidade de Criciúma.

A coleta de dados foi realizada através da disponibilização dos LDs por uma escola municipal na cidade de Criciúma/SC. Os LDs foram analisados de forma abrangente, envolvendo conteúdos, atividades e qualquer tipo de manifestação sobre o assunto de variação linguística. A seguir, mostraremos os resultados encontrados.

Realizando a análise, pudemos perceber que nos livros do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental não foi encontrado nenhum tipo de manifestação sobre o conteúdo de variação linguística. A ausência do tema da variação linguística nesses livros didáticos pode ser pelo fato de que nas séries iniciais há um foco no processo de alfabetização. A alfabetização já está sendo aplicada nas salas de aula, e é um conteúdo bastante complexo de ser ensinado, porém desde as séries iniciais, os alunos já trazem consigo sua língua consolidada, que é bastante generalizada, no entanto os livros didáticos das séries iniciais dessa coleção não fala sobre o conteúdo de variação linguística, porém seria essencial trazer isso para as salas de aula, visto que, no contexto escolar encontramos diversas manifestações da língua.

No LD do 3º ano, encontrou-se conteúdo de variação linguística. Vejamos a seguir um exemplo de como foi postulado o conteúdo no trecho de uma tirinha da Turma da Mônica.

Figura 1 – Tirinha retirada do livro didático de Língua Portuguesa do 3º ano do Ensino Fundamental.

1 Leia a tirinha a seguir:



Mauricio de Sousa. Turma da Mônica. O Estado de S. Paulo. Caderno 2. jan. 2014. p. C4.

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, (2014).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº1, janeiro/abril 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

A discussão provém do uso do apóstrofo nas palavras, porém, o LD trouxe uma junção de conteúdo de variação linguística com o uso do apóstrofo para exemplificar. Isso é interessante a nosso ver, pois antes de introduzir esse pedaço da história, explicou sobre o apóstrofo e as diferenças da língua falada para a escrita, refletindo assim sobre determinados usos da língua.

No entanto, a tirinha traz traços característicos de uma variação diferente da norma padrão, a conversa entre os personagens se trata de uma conversa informal, mas traz o apóstrofo que faz parte das regras da gramática normativa, ou seja, envolveu o conteúdo de variação para explicar um conteúdo da gramática normativa.

Outro ponto relevante a se considerar é que os personagens que representam essa história em quadrinhos são Chico Bento e Rosinha, ambos possuem um modo de falar mais coloquial, mais do interior de algumas regiões do país (São Paulo e Minas Gerais, por exemplo). Porém, esses personagens têm muito a contribuir para que os alunos possam entender um pouco sobre variação linguística:

O personagem Chico Bento é uma criação muito feliz da equipe de Maurício de Souza, pois permite, que as crianças com antecedentes urbanos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo muitas expressões dessa rica cultura que, hoje em dia, têm pouco espaço na literatura e nos meios de comunicação. (BORTONIRICARDO, 2009, p. 46).

Logo mais adiante, no mesmo LD do 3º ano, encontramos uma história em quadrinhos do personagem Horácio. Notamos a presença de várias gírias utilizadas pelo próprio Horácio e seu amigo. Os dois conversam sobre um assunto casual, ou seja, uma conversa mais informal e nesse diálogo aparecem muitas gírias. Encontramos então um tipo de variação linguística muito comum e casual, as gírias.

As gírias estão presentes em nosso cotidiano, pois querendo ou não, acabamos utilizando algumas delas em nossos diálogos, porém, sabemos que devemos empregar gírias somente em conversas casuais. Sobre esse conteúdo, o LD do 3º ano traz algumas atividades relacionadas ao uso das gírias e em seguida apresenta novamente uma história em quadrinhos da Turma da Mônica; uma parte dessa história chamou atenção e a destacamos a seguir.

Figura 2 - Trecho retirado de uma história em quadrinho do LD do 3º ano.



Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, (2014).

No trecho apresentado acima há a presença de gírias na fala de Mônica. Porém, chamou atenção o fato de que a pronúncia da palavra “você” ficou entre aspas: “cê”. Podemos notar que nessa fala, Mônica estava representando uma variação linguística que é muito comum na fala de algumas pessoas que moram em determinadas regiões do Brasil. Contudo, anteriormente no trecho de uma tirinha sobre a variação usada na fala de Chico Bento e Rosinha, a variação usada aparece sem aspas. Já neste trecho, a fala da Mônica aparece entre aspas. Pode parecer que é normal Chico Bento e Rosinha falarem assim, pois são personagens que representam um falar interiorano. Porém, quando se trata da personagem Mônica, ela “não pode” falar assim por ser da cidade.

Portanto, sua fala está entre aspas, o que nos parece ser um caso de preconceito linguístico. Geralmente o preconceito linguístico está associado ao indivíduo de classe baixa. Dependendo do desvio de norma, quando as camadas menos abastadas da sociedade falam diferentemente da norma padrão achamos engraçado. Mas quando um indivíduo da alta sociedade fala fora da norma padrão, pode ser que ninguém ache errado, ou seja, o preconceito linguístico está basicamente associado ao status social em que o indivíduo se encontra.

Logo após essa história, o LD do 3º ano traz algumas atividades relacionadas ao uso das gírias novamente e com exemplos de expressões usadas pelos personagens. O LD procura explicar sobre a variação linguística, após os exercícios, ao final da página, ressaltando que:

É o falante quem escolhe a linguagem para empregar nas diversas situações. Não há linguagem mais certa ou mais errada. A escolha do que utilizar dependerá: da situação em que você está; da intenção que você tem ao falar; do destinatário da sua fala ou escrita, isto é, a quem você se dirige; do seu jeito de se expressar. Lembre-se cada pessoa tem um modo próprio de se expressar. Por isso deve-se sempre respeitar o jeito de cada um. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2016, p. 76).

Dessa forma, o LD tenta informar ao leitor o que é a variação linguística, de uma forma resumida, mas bem objetiva, lembrando que em nossa sociedade existem muitas manifestações de variação linguística, como por exemplo: rurais, urbanas, orais, escritas, regionais, mas que todas essas variações devem ter seu espaço na escola, e se possível seu reconhecimento nos LDs de Língua Portuguesa (BAGNO, 2001).

Em seguida, encontramos outro conteúdo do LD do 3º ano, cujo título é “*Variedades Linguísticas: o formal e o informal.*” Nesse conteúdo, o livro traz algumas imagens de cartas e ressalta a importância de observar a forma como foram escritas, algumas com uma linguagem bem formal, outras já nem tanto. Nas atividades sobre esse conteúdo, o livro ressalta novamente a importância do tema da variação linguística e em quais momentos se pode falar e escrever de maneira mais formal ou informal.

O LD do 3º ano traz uma seção sobre variação linguística cujo título é *Uso de “a gente”*. Esse conteúdo traz várias atividades relacionadas ao uso do “a gente” e ressalta que a forma padrão que o substitui é “nós”. Ou seja, traz a variação que é mais utilizada oralmente, no dia a dia, nas conversas mais informais, porém ressalta a importância de utilizar o “nós”, pois é essa variação que prevalece como a mais prestigiada (pelo menos na formalidade escrita). Podemos perceber então que existe a presença do conteúdo de variação linguística no LD do 3º ano, porém, o livro sempre ressalta a variação de mais prestígio, a norma padrão:

Para a gramática normativa, a língua corresponde às formas de expressão observadas produzidas por pessoas cultas, de prestígio. Nas sociedades que têm língua escrita, é principalmente esta modalidade que funciona como modelo, acabando por representar a própria língua. (POSSENTI, 1996, p. 74).

No entanto, essa afirmação de Possenti ainda se encaixa nos dias de hoje, pois a gramática normativa ainda ressalta a variação de prestígio utilizada por alguns estratos sociais mais abastados. As pessoas que falam de outra maneira, não possuem sua língua representada pela escrita, pois aprendem desde muito cedo a escrever de acordo com a gramática

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº1, janeiro/abril 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

normativa, por isso veem o conceito de que a gramática normativa traz a língua que representa a variedade linguística mais prestigiada.

Após isso, o LD do 3º ano traz muitas outras charges relacionadas ao uso das gírias, ressaltando o conteúdo de variação linguística, porém sempre contextualizando essas variações e fazendo relações com a gramática normativa.

No LD do 4º ano, também encontramos o conteúdo da variação linguística, porém nem tanto quanto no 3º ano. Logo de início, o LD do 4º ano traz uma história que é parte de um livro chamado *Diário de um Banana*. Este trecho mostra novamente a presença de gírias na fala do personagem principal, Greg. O livro também traz atividades sobre o assunto e lembra sobre como as gírias estão sendo usadas no nosso dia a dia, ressaltando que as gírias fazem parte das expressões informais.

Em seguida, há a imagem de um texto retirado do livro de Geografia do 4º ano, e faz algumas atividades perguntando se há presença ou não de gírias. Após isso, o LD fala que não existem gírias nesse texto, pois foi escrito em uma linguagem mais formal e dá exemplos de outros textos que são escritos na linguagem formal, ressaltando a importância de escrever dessa forma que é a variação que representa a gramática normativa.

É interessante a forma como a coleção traz o conteúdo de variação linguística, pois além de mostrar o conteúdo, resalta que é importante conhecer e saber que existem outros modos de falar e que estes não estão “errados”, mas sim diferentes.

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. (BAGNO, 2000, p. 70-71).

Em seguida, o LD do 4º ano traz novamente um trecho de uma tirinha da história em quadrinho da Turma da Mônica no qual Cebolinha e Mônica usam muitas gírias.

Figura 3 - Uso de gírias em trecho de tirinha.

1 Leia o quadrinho a seguir, com as personagens Cebolinha e Mônica:



SOUSA, Mauricio de. *As tiras clássicas da turma da Mônica*. Panini Comics Editora, 2011. p. 58. v. 7

Fonte: BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, (2014).

Na sequência há algumas atividades sobre o uso das gírias. Portanto, percebemos que o LD do 4º ano traz o conteúdo de variação linguística, ressaltando o uso das gírias que são utilizadas em nosso cotidiano.

No LD do 5º ano a presença do conteúdo de variação linguística diminui. Em um texto chamado *Os polvos*, o livro resalta a forma que o texto está escrito, uma linguagem totalmente formal, relatando inclusive que foi escrito dessa forma por se tratar de um texto do século XIX e que naquela época a maioria dos textos literários eram escritos dessa forma.

O LD traz algumas atividades sobre o texto, mostrando relações das palavras do texto com as palavras que usamos no dia a dia, fazendo com que os alunos substituam essas palavras mais formais pelas que eles usam no seu cotidiano. Nessa atividade podemos perceber que o LD quer mostrar ao aluno que o modo que ele fala diariamente é uma maneira certa de falar, desde que não se perca o contexto da formalidade ou da informalidade.

Em outras linhas, os LDs apresentados sempre ressaltam a utilização da gramática normativa, porém não deixando de lado o tema da variação linguística. Bortoni-Ricardo (2005, p. 26) resalta que “a aprendizagem da norma culta deve significar uma ampliação da competência linguística e comunicativa do aluno, que deverá aprender a empregar uma variedade ou outra, de acordo com as circunstâncias da situação de fala.”

A coleção de livros *Língua Portuguesa Ápis* traz muitos exemplos do trabalho

com o tema da variação linguística, sem discriminar nenhuma variação (pelo menos em linhas gerais), mostrando aos seus usuários que existem diferentes formas de falar e de escrever e que devem ser respeitadas as variações.

6 CONCLUSÃO

Dentro do contexto escolar a variação linguística está internamente ligada em todos os sentidos, tanto na fala do aluno, na fala da professora ou até mesmo nos livros didáticos. Com esse artigo podemos perceber que o conteúdo de variação linguística se faz presente em LDs de Língua Portuguesa, e por meio da análise de dados consegue-se ver que aparecem com frequência no 3º e 4º anos, porém nem tanto nos outros anos, aparecendo de uma forma mais fragmentada.

Por meio da pesquisa consegue-se perceber a importância do reconhecimento da variação linguística nos LDs, lembrando que convém ao professor em sala de aula explicar o assunto, utilizando estratégias para exemplificar a variação linguística e principalmente sabendo adaptar seu livro didático, uma vez que um mau LD pode ficar bom na mão de um bom professor ou vice-versa, conforme Lajolo (1996).

De maneira geral, o conteúdo de variação linguística é apresentado pelos LDs, alguns de forma mais ampla, outros nem tanto, porém em alguns textos ou atividades o conteúdo de variação se fez presente de forma mais discreta, notando-se até mesmo a presença de certo preconceito linguístico (exemplo da variação “cê” entre aspas), o conteúdo de variação linguística apresentou-se de forma satisfatória.

Portanto, podemos concluir que o conteúdo de variação linguística está presente na coleção LDs *Ápis* de Língua Portuguesa, sendo reconhecido de forma fragmentada, pois se faz presente, mas somente em alguns capítulos, trazendo atividades sobre o assunto e de forma objetiva, pois retrata bem o que significa o conteúdo de variação linguística. A coleção é bem estruturada e todos os conteúdos presentes nos LDs são bem exemplificados, inclusive o conteúdo de variação linguística, pois o LD traz o conceito e exemplos de variação.

Em resumo, o artigo mostra que a variação linguística se faz presente nos LDs de Língua Portuguesa da coleção analisada e que possui exemplos e atividades sobre esse

conteúdo. A variação linguística é um conteúdo de Língua Portuguesa que possui extrema importância no contexto escolar e deve ser bem trabalhado pelos docentes, inclusive com o auxílio de bons LDs.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BATISTA, Marília Carvalho. **Pontos e entrepontos: apontamentos cronológicos para uma narrativa histórica do ensino de língua portuguesa- 11 em ambiente escolar no Brasil**. 2014. 256 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16574/1/2014_MaríliaCarvalhoBatista.pdf>. Acesso em: 09 maio 2018.

BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto. **Terezinha Costa Hashimoto Bertin**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/892263/terezinha-costa-hashimoto-bertin>>. Acesso em: 24/nov/2018.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Ana Maria Trinconi Borgatto**. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/1133523/ana-maria-trinconi-borgatto>>. Acesso em: 24/nov/2018.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Ápis: letramento e alfabetização**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

_____. **Ápis: língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?: Sociolinguística & Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático:** um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2061/2030>. Acesso em: 20/09/2018.

OLIVEIRA, Márcia Andrea Almeida de. **O ensino de Língua Portuguesa:** usos do livro didático, objetos de ensino e gestos profissionais. 2013. 407 f. Tese (Doutorado) -, Universidade Estadual de Campinas, Curso de Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269649>>. Acesso em: 07 maio 2018.

PEREIRA, Antonio Serafim. **E por falar em educação... Ensino, Formação e Gestão.** Criciúma: Ediunesco, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

RAMOS, Paulo; RAMOS, Magda Maria; BUSNELLO, Saul José. **Manual prático de metodologia da pesquisa:** artigo, resenha, projeto, TCC, monografia, dissertação e tese. Blumenau: Acadêmica, 2003.